

O MODERNISMO EM PORTUGAL-FERNANDO PESSOA E SEUS HETERÔNIMOS

META

Apresentar os principais heterônimos de Fernando Pessoa e sua produção poética.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- compreender e explicar o sentido de heteronímia;
- perceber a importância de Fernando Pessoa para a literatura portuguesa do início do século XX;
- conhecer e compreender a poesia dos principais heterônimos de Fernando Pessoa;
- reconhecer características e traços peculiares de Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

PRÉ-REQUISITOS

- Leitura das aulas anteriores sobre o Modernismo em Portugal;
- informações sobre a Europa do início do século XX e sobre a vida política portuguesa (proclamação da República, ressurgimento do espírito nacionalista e do saudosismo);
- compreensão do papel central do papel de Fernando Pessoa na geração de Orpheu do início do modernismo em Portugal;
- conhecer a obra poética ortônima de Fernando Pessoa.

INTRODUÇÃO

Caro aluno,

Na aula precedente, conforme vocês observaram, foram abordadas a vida e a obra “ortônima” de um dos mais importantes autores do Modernismo em Portugal: Fernando Pessoa. Como o poeta apresentou distintas faces, comportando-se ora como “ele mesmo”, ora como outras pessoas, habilitou-se a ver o mundo através de outros olhares, numa dispersão que muito bem reflete o caos em que vivia o homem do início do século XX.

Por meio dessas distintas visões de mundo, queria ele, talvez, conhecer e dar conta da complexidade cósmica, fato impossível para uma só pessoa. Conforme Massaud Moisés, já que o poeta não poderia, obviamente, desdobrar-se em número igual aos seres já existentes ou por existir, “multiplica-se em heterônimos—símbolos como se lhe fosse possível chegar às cosmovisões arquetípicas, necessariamente pouco numerosas, nas quais se enquadrariam todas as cosmovisões particulares, incapazes de se expressar como tal”.

E é essa multiplicidade de visões de mundo que vamos estudar nesta aula, na tentativa de explicar e compreender um dos fenômenos mais inusitados que surge na poesia do modernismo português: o fenômeno da heteronímia em Fernando Pessoa. Deter-nos-emos, principalmente, no estudo de seus heterônimos mais conhecidos: Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.



Costa Pinheiro: Fernando Pessoa e os heterônimos.
(Fonte:<http://www.multipessoa.net/elementos/imagem>).

FERNANDO PESSOA E O FENÔMEMO DA HETERONÍMIA

Na aula de nº 5, já foi feita referência ao fenômeno da heteronímia em Fernando Pessoa. Creio que vocês lembram que heterônimo é um nome imaginário que designa outra individualidade, diferente da do criador, mas não um mero pseudônimo. O pseudônimo é um nome falso, que alguém que se oculta por alguma circunstância utiliza.

O fenômeno da heteronímia em Pessoa é algo intencional, fazia parte do seu projeto estético-literário. Ele próprio o diz: “Multipliquei-me para me sentir, / Para me sentir, precisei sentir tudo, / Transbordei-me, não fiz senão extravasar-me.”

Galhoz (In PESSOA , 1980), ao falar sobre tal fenômeno, assim o diz:

[...] Mas é a heteronímia que o ajuda , talvez a tornar possíveis as coincidências e os afastamentos simultâneos da sua vivência poética e o sossega intelectualmente com as particulares justificações exteriores em que se ocupa. Por um lado uma rotação própria que a cada heterônimo ele imprimiu, independentemente; e por outro as órbitas de gravitação que todos se referem a si, único seu centro uma vez que os quis e os realizou. É pois uma fundamentação existencial, além de um jogo dialético logo evidente, que se pode dar aos símbolos em maiúsculas que desdobram os nomes em que se desdobra: Pessoa; Caieiro; Reis; Campos; Vicente Guedes-Bernardo Soares; Antônio Mora; outros ainda. [...] Os heterônimos são, digamos, a inclinação, sua, que momentaneamente prefere ou se força a preferir, a atenção especial que assume para dizer qualquer coisa, a tonalidade cromática ou musical com que varia, ligeiramente, a repetição e a novidade absoluta dos seus próprios momentos e do travo, em si, da vida.

Realmente, não foi à toa que Pessoa, por meio da imaginação, arquitetou várias entidades poéticas, determinando-lhes a biografia, os caracteres físicos, a profissão, a ideologia e estilo próprios. De acordo com Cereja & Magalhães (1997, p.161), “foram mais de dez os heterônimos desenvolvidos, semi desenvolvidos ou apenas esboçados. Dentre eles destacam-se os três heterônimos perfeitos: Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, seguidos de Bernardo Soares, Coelho Pacheco, Alexandre Search, Charles Robert Anon, Frederico Reis, Antonio Mora, Vicente Guedes”.

Atribuem-se razões e explicações para esse projeto tão grandiloquente e ousado. Alguns procuram enveredar pelos caminhos do espiritismo ou do ocultismo para obter elucidações sobre o fenômeno, mas o próprio poeta nos dá pistas em seus poemas, através de suas reflexões filosóficas ou estéticas, chegando mesmo a fazer depoimento em carta enviada ao poeta e crítico Casais Monteiro em resposta à pergunta por ele feita sobre o que era heteronímia. Vejamos alguns excertos dessa carta de 13 de Janeiro de 1935.

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

.....
Passo agora a responder à sua pergunta sobre a génese dos meus heterónimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente — um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade.

.....
Vou entrar na génese dos meus heterónimos literários, que é, afinal, o que V. quer saber. Em todo o caso, o que vai dito acima dá-lhe a história da mãe que os deu à luz). [...]

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis).

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei

ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva Oblíqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro. Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir — instintiva e subconscientemente — uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos — a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

Quando foi da publicação de «Orpheu», foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos — um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão...

Creio que lhe expliquei a origem dos meus heterónimos. [...]

Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890

(às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos — o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma — só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo», etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis — ainda inédita — ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso).

.....
Creio assim, meu querido camarada, ter respondido, ainda com certas incoerências, às suas perguntas. Se há outras que deseja fazer, não hesite em fazê-las. Responderei conforme puder e o melhor que puder. O que poderá suceder, e isso me desculpará desde já, é não responder tão depressa.

Abraça-o o camarada que muito o estima e admira.

Fernando Pessoa

ALBERTO CAIEIRO – O MESTRE



Caricaturas dos heterônimos de Fernando Pessoa.

(Fonte: <http://www.portugues12ano2.blogspot.com/2007/12/portffio-caricaturas.html>).

Alberto Caieiro é considerado, tanto por Ricardo Reis como por Álvaro de Campos, como seu mestre, o que, de certa forma, é contraditório por ser ele o mais simples de todos os heterônimos, uma vez que é um homem do campo, que vive em contato com a natureza e não tem estudos como os demais. Segundo Fernando Pessoa, ele é mestre do paganismo, ou seja, ele tem uma visão não espiritualizada de mundo. Mesmo assim, é um poeta-filósofo, cujo pensamento extrai da natureza, de sua relação direta com ela. Manifesta-se a favor da simplicidade da vida e defende a sensação como a melhor forma de conhecimento. Caieiro julga que os homens tendem a dificultar as coisas com suas teorias metafísicas e filosóficas. Para ele, seu mundo é o real-sensível, o que ele vê e sente. O mundo não foi feito para pensar sobre ele, mas para senti-lo. Como uma criança, usa os sentidos para conhecer as coisas e o mundo a sua volta. Ressaltam-se, sobretudo os sentidos da visão, e do tato. Observem como o poema abaixo reflete seu modo de ser:

O MUNDO NÃO SE FEZ PARA PENSARMOS NELE

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...

Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender ...

O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

O autor diz ter “o pasmo essencial de uma criança se ao nascer reparasse ter nascido deveras”. Há nele uma surpresa, um espanto que só se tem ao contemplar as coisas, os seres, como se fosse a primeira vez, como uma eterna novidade. É um olhar-sensação, um olhar que lhe oferece um conhecimento imediato e intuitivo do mundo e que o leva ao amor. Por isso, Caieiro nos diz não ter filosofia, mas sentidos. Para conhecer e amar basta ver e sentir, pois “pensar não é compreender”. Quando se ama, não se sabe o que nem o porquê. Conclui sua reflexão concebendo o amor como “uma eterna inocência, e a única inocência é não pensar”.

HÁ METAFÍSICA BASTANTE EM NÃO PENSAR EM NADA

Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.
Que idéia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).
O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.
Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?
"Constituição íntima das cousas" ...
"Sentido íntimo do Universo" ...
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores

[...]

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.
Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,

Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou!
(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)
Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.
[...]

Caieiro nos fala que não pensar é a maneira mais sábia de viver. Se as coisas são apenas as coisas, não as idéias que se tem sobre elas, viver deve ser apenas viver e não ter idéias sobre a vida. Esses princípios fundamentais já foram salientados em outros poemas de Caieiro, inclusive no anterior. Neste, sentimos contudo, um tom polêmico e hostil. O poeta não só defende o “conceito direto das coisas”, como ataca todos aqueles que nelas vêem “sentido íntimo e metafísico”. Faz colocações a respeito da existência de Deus, negando sua crença num Deus espiritualizado, transcendente, mas crê num deus concreto, visível, que se confunde com as flores, árvores, montes, luar, sol. Manifesta assim, uma concepção panteísta (pan= tudo; teos= deus) que considera Deus como a própria criação divina, estando presente em tudo e em todos.

O QUE NÓS VEMOS

O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?
O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.
Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade daquele convento

De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores.
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

Aqui, Caieiro aguça sua busca de uma afinidade sensorial com o mundo e a natureza, procurando recusar a existência de qualquer sentido profundo nas coisas que formam a realidade. “Afinal o que nós vemos das coisas são as coisas”, pois ver e ouvir não são miragens, são meramente ver e ouvir.

A maneira realmente sábia é “saber ver”, “saber ver sem estar a pensar”. Essa sabedoria, no entanto, só se consegue por meio de “uma aprendizagem do desaprender”, com a qual desnudamos nossas almas de suas vestes fantasiosas e enganadoras, e aprendemos a ver nas estrelas e nas flores apenas e tão somente estrelas e flores.

RICARDO REIS – O CLÁSSICO

Segundo biografia do próprio Fernando Pessoa, Ricardo Reis nasceu em 1887, foi educado num colégio de jesuítas, foi médico e viveu no Brasil desde 1919, expatriando-se espontaneamente por ser monárquico. Foi um homem culto, latinista por educação alheia, e semi-helenista por educação própria.

Embora, a exemplo de Caieiro, cultive a simplicidade das coisas e o amor à natureza, sente-se como fruto de uma civilização em decadência. Sua poesia distancia-se muito da dele, por ser culta e de estilo neo-clássico, pela busca de perfeição e equilíbrio, pelo intelectualismo e convencionalismo e pela presença da mitologia grega.

Reis demonstra em seus poemas ser filiado ao poeta Horácio, pela constante preocupação de viver a vida, de usufruir o momento, o que chamamos de “carpe diem”. Seus temas resumem-se a lugares-comuns do classicismo, como: a efemeridade da vida, a necessidade de gozar o presente, a fatalidade da morte que ronda



Caricatura de Ricardo Reis

nossos momentos (acredita piamente que o nosso destino é traçado pelo fado).

Percebe-se em seus poemas uma atitude hedonista, isto é, volvida para o prazer, ou epicurista, conseqüente da filosofia de Epicuro, associada à uma postura resignada, que propõe moderação na fruição dos prazeres materiais. Para Epicuro, o homem deve buscar viver de prazeres naturais, sem paixões violentas e sem excessos.

Analisemos alguns poemas de Ricardo Reis:

As Rosas

As rosas amo dos jardins de Adônis,
Essas volucres amo, Lídia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.
A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
Antes que Apolo deixe
O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida um dia,
Inscientes, Lídia, voluntariamente
Que há noite antes e após
O pouco que duramos.

No poema acima, de Ricardo Reis, percebe-se o amor à natureza através da menção às rosas. O poeta, ao falar dos jardins de Adônis, enfatiza, sobretudo, as flores com que enfeitavam a estátua do belo jovem e que murchavam no mesmo dia em que nasciam, simbolizando a efemeridade da beleza e a brevidade da vida. O que elas tinham de eterno era a luz que as acompanhava no curso de sua vida, pois morriam antes que Apolo, Deus do Sol, desaparecesse na noite escura.

Caieiro propõe, então a sua parceira, Lídia, imitar as rosas, fazer de nossas vidas um único dia em que a Noite delimite nosso curso de vida (antes e depois), pois como elas, somos fugazes, passageiros.

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.
Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a Sorte nos fez postos
Onde houvemos de sê-lo.

Não tenhamos melhor conhecimento
Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado.

Dia Após Dia

Dia após dia a mesma vida é a mesma.
O que decorre, Lídia,
No que nós somos como em que não somos
Igualmente decorre.
Colhido, o fruto perece; e cai
Nunca sendo colhido.
Igual é o fado, quer o procuremos,
Quer o 'speremos. Sorte
Hoje, Destino sempre, e nesta ou nessa
Forma alheio e invencível.

Os dois poemas anteriores se assemelham pelo fato de Caieiro fazer referência à Sorte e ao Fado. Numa postura de resignação, o poeta nos leva a crer que estamos totalmente subordinados ao destino, que temos a Sorte traçada (O Fado nos dispõe, e ali ficamos;/Que a Sorte nos fez postos/ Onde houvermos de sê-lo). Em decorrência, prega-nos a acomodação, a passividade (Cumpramos o que somos/ Nada mais nos é dado.)

Lídia

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde que quer que estejamos.
Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde quer que moremos, Tudo é alheio
Nem fala língua nossa.
Façamos de nós mesmos o retiro
Onde esconder-nos, tímidos do insulto
Do tumulto do mundo.
Que quer o amor mais que não ser dos outros?
Como um segredo dito nos mistérios,
Seja sacro por nosso.

Lídia é uma personagem sempre presente nos poemas de Ricardo Reis, como se simbolizasse o amor. Vejam que existe entre o eu lírico e Lídia uma cumplicidade, uma intimidade bem característica dos que se amam. Observem que o eu lírico sugere a sua amada que ignorem os outros, o lugar

onde moram, a língua que se fala, como se fossem estrangeiros, alheios ao que os cerca e propõe esconderem-se timidamente do tumulto do mundo, fazendo deles próprios o refúgio.

ÁLVARO DE CAMPOS – O FUTURISTA



caricatura de Álvaro de Campos

Finalmente, para compor o triângulo heteronímico de Fernando Pessoa, citamos Álvaro de Campos, o heterônimo que abraça as alterações do mundo sem intentos metafísicos. É ele aficionado pela máquinas modernas, é o engenheiro naval que personifica o inconformismo do poeta Fernando Pessoa. Ele reconhece a mudança permanente, a flexibilidade dos valores e normas, a efemeridade das coisas como parte do mundo e, por isso mesmo, não tolera que haja limite para elas. Campos é um poeta futurista, um homem do século XX, portanto, das inovações tecnológicas: da energia elétrica, das máquinas, da velocidade, das fábricas. No entanto é um inadaptado, vive à margem de qualquer conduta social.

O poeta Álvaro de Campos torna-se o ponto de partida para o questionamento sobre o modernismo português. Realçamos principalmente o Álvaro de Campos de *Ode triunfal*, *Ode marítima* e ainda dos outros poemas que compõem a chamada primeira fase. eles ganham destaque como os

textos pessoanos mais representativos do modernismo português pela celebração furiosa e glorificante da máquina e do movimento convulsivo que ela representa; a fraternidade com todos e com tudo- "Como eu vos amo a todos, a todos" [...] " Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera"- ; o "Sentir tudo de todas as maneiras ", que é afinal a forma mais intensa de penetrar o mundo, ou deixar-se penetrar por ele.

Nesse sentido, Álvaro de Campos é a face enérgica e angustiada de Fernando Pessoa, pois percebe a riqueza das probabilidades de liberdade que a vida moderna pode proporcionar, mas ao tempo que concede abertura à criação estabelece limites, contra os quais ele resiste. Enquanto a modernização da sociedade exige do sujeito especialização e competência, Álvaro de Campos é indefinido quanto ao lugar social que ocupa. Assim, aquela vida que se viu “solta” dos liames tradicionais de autoridade política, moral ou intelectual, agora reage não querendo ser facilmente enquadrada nas necessidades funcionais do sistema. Nesse sentido, Álvaro de Campos revela intensa inquietação. Ele percebe uma necessidade nas coisas, mas não é passivo e, nesse sentido, também não é escapista e nem desiludido. Ele também não é uma mera fusão dos heterônimos que nasceram antes dele, mas o seu próprio paradoxo. Álvaro de Campos representa a própria incompletude que determina a condição do homem do século XX, como ator independente no mundo em permanente movimento.

Lisbon revisited (1923)

Não: Não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem de moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) – das ciências, das artes, da civilização moderna!
[...]

Observem o tom agressivo e irreverente do fragmento do poema *Lisbon Revisited* (1923). O poeta resiste aos preceitos e imposições de uma sociedade que limita o ser, tenta submetê-lo a suas regras.

O segundo Álvaro de Campos, ou Álvaro de Campos da segunda fase, parece ter mudado o lugar do seu "Sentir tudo de todas as maneiras".

A intensidade pode ser a mesma, mas o sentir, agora, não aponta para o desejo de incorporar em si a exterioridade infinita do mundo. Trata-se de um poeta mais afastado do canto delirado e explosivo, e infinitamente mais próximo do tédio. O "sentir tudo" agora está dentro, incorporado. É o sentir de dentro e para dentro, diferentemente de sua primeira fase:

Lisbon revisited (1926)
Nada me prende a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anseio com uma angústia de fome de carne
O que não sei que seja -
Definidamente pelo indefinido..
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.
Fecharam-me todas as portas abstractas e necessárias.
Correram cortinas de todas as hipóteses que eu poderia ver da rua.
Não há na travessa achada o número de porta que me deram.
Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta - até essa vida ...

Estes trechos de *Lisbon revisited*, datado de 1926, exemplificam a angústia, o tédio - que aqui ainda é um misto de ansiedade e cansaço - pelo isolamento do Eu em face do mundo.

CONCLUSÃO

Por tudo o que estudamos a respeito de Pessoa e seus heterônimos, não é demais usar a afirmação de Moisés (1988) sobre o autor: [...] “Fernando Pessoa usa sempre da inteligência com severidade indagadora e analítica”. Sem dúvida, o poeta não se conforma ao mundo, ele o admira, mas o indaga, questiona-o nos mínimos detalhes, desde as coisas que formam a natureza até os demais seres, as pessoas, a realidade. Em vez de apenas comunicar a emoção pura e simples, submete-a à análise minuciosa da inteligência, da razão, transformando-a em pensamento-emoção.

O fenômeno da heteronímia, além de intrigante, é incomum. Muitos estudiosos se debruçam sobre ele no intuito de compreendê-lo. Como diz Nicola (2000), “os heterônimos representam diferentes visões de mundo e diferentes personalidades poéticas”. A meu ver, Pessoa se multiplicou porque tinha sede de entender a vida, sede de atingir o infinito, e sua dispersão lhe possibilitou não somente uma intensa experimentação artística como um maior alcance no plano espiritual.

RESUMO

Estudamos, nessa aula, a multiplicidade de visões de mundo de um dos maiores poetas da língua portuguesa: Fernando Antonio Nogueira Pessoa, na tentativa de explicar e compreender um dos fenômenos mais curiosos do modernismo português: o fenômeno da heteronímia. Detivemo-nos, principalmente, no estudo de seus heterônimos mais conhecidos: Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Vimos que cada heterônimo representa um nome imaginário que designa outra individualidade, diferente da do criador, mas não um simples pseudônimo. Para cada um dos heterônimos, Pessoa fez biografia, atribuiu características, traços de personalidade e estilo próprios. Alberto Caieiro, o mais simples de todos, não teve estudos, vivia em contato direto com a natureza, tinha um estilo de vida bucólico, mas destacou-se como o poeta-filósofo, que utilizava os sentidos para conhecer e compreender o Universo. Ricardo Reis, o intelectual, por sua forma humanística de ver o mundo, ressuscita o espírito da Antiguidade clássica, por meio das idéias de Horácio e Epicuro. Através de seus poemas, aconselha-nos a gozar o momento, mesmo na velhice; a não perder a juventude; a não nos ocupar demais com o passado ou voltar-nos apenas ao futuro; a viver com moderação, pois seremos mais felizes quanto menos forem nossas necessidades. Álvaro de Campos, o futurista, é a faceta agressiva e atormentada de Fernando Pessoa, pois, por um lado, exalta a riqueza das possibilidades, o progresso e a liberdade que a vida moderna pode proporcionar ao sujeito e, por outro lado, percebe os limites que ela coloca. É ele um poeta de muita profundidade, que, à medida que produz, amadurece, serena. Qual dos três o melhor? É impossível responder a essa pergunta. Os três se completam, se imbricam e se fundem ao seu criador maior, Fernando Pessoa Ele mesmo.

ATIVIDADES

1. Leia os poemas abaixo, identifique o autor e analise-os, comentando suas principais características:

SOU UM GUARDADOR DE REBANHOS

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.



Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

QUERO DOS DEUSES

Quero dos deuses só que me não lembrem.
Serei livre - sem dita nem desdita,
Como o vento que é a vida
Do ar que não é nada.
O ódio e o amor iguais nos buscam; ambos,
Cada um com seu modo, nos oprimem.
A quem deuses concedem
Nada tem liberdade.

O MISTÉRIO DAS COUSAS (do "Guardador de Rebanhos")

O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.
Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

ODE TRIUNFAL

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.
Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical -
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por
estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.
Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!
Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promíscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrénuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

2. Após os conhecimentos adquiridos sobre F. Pessoa, produza um texto falando sobre o poeta e realçando a sua importância para o Modernismo português.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

1. Para resolver essa questão releia várias vezes os poemas e reveja as características de cada heterônimo.
2. Para realizar esta tarefa, releia as aulas sobre o Modernismo português.



PRÓXIMA AULA

Na aula que segue, estudaremos o Neorrealismo em Portugal.



AUTO-AVALIAÇÃO

Após leitura da aula, consigo explicar o sentido do termo heterônimo e diferenciá-lo de ortônimo? Compreendi o que levou Fernando Pessoa a criar tantos heterônimos? Quais os heterônimos mais representativos do poeta? Sou capaz de mencionar as principais características de seus principais heterônimos e identificá-las em poemas do autor? Qual de seus heterônimos é futurista? E qual o clássico? Sei explicar por que Alberto Caieiro é considerado o mestre?

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall, **Tudo que é sólido desmancha no ar**, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- LISBOA, EUGÊNIO, **Poesia portuguesa: do "Orpheu" ao neo-realismo**, Lisboa, Bertrand, 1980.
- LINHARES FILHO. **A modernidade em Fernando Pessoa**. Fortaleza: EUFC, 1988.
- MASSAUD, Moisés. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- _____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2008.

NICOLA, José de. **Literatura portuguesa**. Das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2000.

PESSOA, FERNANDO. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1969.

_____. **Antologia poética**. Introdução e seleção de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.

_____. **Antologia de estética**, teoria e crítica literária. Coordenação e introdução Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.

_____. **O Eu profundo e outros Eus** (Seleção Poética) Seleção e nota editorial de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

RODRIGUES MEDINA ET AL... **Literatura Portuguesa**. S. Paulo: Ática